

Grupo de Trabalho: 11 – Comunicação, Mídia e Ciberpolítica

**A representação atual dos imigrantes pela imprensa popular no Brasil: a atuação do  
Jornal Brasil de Fato**

Otávio Cezarini Ávila – PPGCOM/UFPR

Pauline Frank de Almeida – UEL

## A representação atual dos imigrantes pela imprensa popular no Brasil: a atuação do Jornal Brasil de Fato

Otávio Cezarini Ávila<sup>1</sup>

Pauline Frank de Almeida<sup>2</sup>

O artigo parte da análise das reportagens do jornal impresso Brasil de Fato a respeito de suas notícias sobre imigração. Para isso, traz conceitos importantes para a análise sobre as imigrações como identidade cultural, espaço e discurso, a partir de uma abordagem interdisciplinar entre a sociologia e a comunicação social. A escolha pelo jornal Brasil de Fato se dá pela característica popular que tal mídia apresenta, buscando o artigo compreender como um meio de comunicação de tal característica trata a questão do fluxo migratório. Sem trazer análises da grande imprensa, o artigo faz, contudo, uma análise básica sobre esta relação do tema com as impressas popular x empresarial e busca delimitar determinadas fronteiras e semelhanças entre as formas comunicativas. Para tanto, o texto pretende avançar o campo da mídia e observar quais questões têm tocado os imigrantes a partir das representações midiáticas e dar pistas a seguintes pesquisas.

Palavras-chave: Imigração, Identidade Cultural, Imprensa Popular.

### 1. INTRODUÇÃO

O mundo está acompanhando um dos momentos de maiores fluxos humanos dos últimos anos. Das notícias que vemos nos meios de comunicação aos estrangeiros que comumente nos deparamos nos grandes centros, percebe-se que algo de diferente está acontecendo. E de fato está. A ONU divulgou um relatório afirmando que no ano de 2013, pela primeira vez, foi superada a marca de 50 milhões de pessoas tidas como refugiadas no planeta desde a Segunda Guerra Mundial. Deste elevado número, a maioria vem do Afeganistão, seguido pela Síria. Se as guerras são as principais formas de deslocamento forçado hoje, existem outros fatores econômicos, culturais e políticos que compõem a lógica dos deslocamentos de pessoas, forçadamente ou não.

No Brasil, por exemplo, o Ministério da Justiça informou que o número de imigrantes que solicitam visto de permanência dobrou em quatro anos, chegando a 30 mil pedidos em 2014. Embora o número de refugiados tenha aumentado, como é o caso dos sírios, o país tem recebido muitos imigrantes da África e da América Latina e tem sentido a carga de imigrantes irregulares que chegam atraídos por melhores condições de vida ao mesmo tempo

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação pela UFPR; Especialista em Comunicação Popular e Comunitária (UEL) e graduado em Relações Públicas pela UEL. E-mail: [ota\\_cez@hotmail.com](mailto:ota_cez@hotmail.com). Bolsista Capes.

<sup>2</sup> Jornalista pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [nine\\_pp@hotmail.com](mailto:nine_pp@hotmail.com).



em que o país não apresenta políticas públicas viáveis para receber este novo indivíduo. Se esta é uma realidade vivida pelos Estados Unidos com os latinos – e com o mundo – e por países da Europa em sua relação com suas antigas colônias é a imigração sul-sul, no entanto, que tem chamado a atenção atualmente na grande imprensa brasileira. Mas será que esse seria o enfoque dos jornais populares/alternativos?

Com base nesta linha editorial, o artigo faz uma análise da representação dos imigrantes na imprensa popular, com base na experiência do jornal Brasil de Fato, que será contextualizado durante o artigo. Antes, no entanto, e percebendo as particularidades de uma visão contra-hegemônica para a América Latina, o texto faz um resgate sobre a imigração no continente e situa o campo das identidades culturais como teor de análise para se compreender o imigrante no novo espaço, por meio da imprensa popular.

Antes de entrar na análise, contudo, problematizam-se os “sistemas migratórios”, através de um olhar geopolítico e econômico das imigrações contemporâneas e como esta abordagem é vislumbrada pela mídia em questão.

## 2. IMIGRAÇÃO NA AMÉRICA: UM BREVE HISTÓRICO

A imigração é um dos fenômenos mais antigos da era moderna e carrega consigo a responsabilidade de ser uma importante consequência para diversas problemáticas sociais. A primeira pergunta a ser feita quando se debate o tema é: por que as pessoas migram? Por que sair de uma zona supostamente mais confortável para se arriscar em um terreno de culturas, língua e valores diferentes?

Herbert Klein (2000) credita à busca por alimento como a principal causa do trânsito de pessoas, mas não descarta a influência das perseguições, seja pela cultura majoritária sobre a minoritária ou a perseguição religiosa, que mantém estreita relação com a causa cultural.

Diferente do que pode se pensar a partir da realidade do Brasil, as migrações<sup>3</sup> não são recentes, mas ocorrem desde que o homem aprendeu a viver em sociedade, sobretudo, pela necessidade de acesso a terra para sua alimentação. Com o êxodo rural, as terras na Europa se tornam escassas e, com o elevado número de mão de obra, o valor do trabalho se torna baixo. Na América colonial ocorre o oposto: as terras são muitas, mas pelo baixo

---

<sup>3</sup> Embora se reconheça a diferença entre imigrante e migrante, durante o artigo os termos serão considerados como homogêneos por conta de como os próprios referenciais teóricos tratam a questão. Da mesma forma, nos momentos necessários serão distintos os termos.



número de mão de obra, a mesma é cara. Desta forma, explorando inicialmente o trabalho dos nativos indígenas e, posteriormente, investindo no trabalho escravo africano, portugueses e espanhóis trouxeram europeus para incentivar o mercado interno colonial. Especialmente no Brasil do século XVIII, Klein (2000) afirma que houve cerca de 400 mil portugueses vindos ao país para o trabalho com o ouro em Minas Gerais, o que resultou em uma forte imigração europeia no Centro-Sul do Brasil.

O século XIX assinala um importante momento para os fluxos migratórios devido ao desenvolvimento da energia a vapor, que dinamizou o transporte e aumentou decisivamente os fluxos euroamericanos. Além de potencializar novos imigrantes de diferentes lugares da Europa, a busca pelo “Fazer a América”, realizada especialmente por homens jovens, pode ser relacionada ao processo que ocorre hoje, nas migrações atuais sul-sul:

Para eles, a prioridade básica consistia em acumular poupanças com as quais esperavam poder desfrutar de uma vida melhor em seus países de origem. Por isso, aceitavam quaisquer trabalhos que lhes oferecessem, ainda que de baixo status, porque esses trabalhos aparentemente sem perspectivas proporcionavam-lhes melhores salários do que os pagos em seus países. Para cerca da metade dos imigrantes que chegaram, essa estratégia funcionou e acabaram retomando a seus países nativos. (KLEIN, 2000, p. 24).

É neste contexto do “Fazer América” que um fato interessante passa a ocorrer na dinâmica das migrações: a preocupação exclusiva com o acúmulo econômico passa a ser dividida com uma assimilação cultural por parte deste imigrante na nova vida. Assim, a primeira geração de europeus, em muitos casos, trouxe suas famílias para recomeçar no novo ambiente, ao passo que a segunda geração, mais aculturada, começaria a formar suas famílias com os próprios nativos dos países latinos (KLEIN, 2000).

Essa ideia de Klein tem respaldo pela Lei de Hansen, de 1937, a qual Green (2008) afirma que a primeira geração emigra, a segunda esquece (assimila) e a terceira retorna às suas origens (quarta também). Portanto, existem diferentes percepções do tempo relacionadas ao comportamento dos grupos que migram.

Considerando a chegada de imigrantes com importância constitutiva para a formação do povo brasileiro, os constantes fluxos precisam ainda ser analisados a fim de compreender como estão sendo construídas as identidades e como a cidade reflete esta relação, para depois chegar ao campo da mídia e sua abordagem a partir de uma perspectiva contra-hegemônica.

### 3. IDENTIDADE CULTURAL NO NOVO ESPAÇO



Este capítulo pretende discorrer sobre a identidade dos imigrantes, mas indo além da formação da identidade para a negociação desta, em um processo em que a simples assimilação, percebida especialmente pela leva de imigrantes de segunda geração, como demonstra a Lei de Hansen, é questionada frente à ideia de aculturação.

A vinda dos imigrantes ao Brasil impulsionou uma discussão profunda sobre o que seria ser brasileiro a partir de uma identidade questionada e modificada por imigrantes, que se embrenhavam nas elites de forma a negociar uma brasilidade hifenizada. Outra forma em disputa é a quebra do paradigma de uma identidade estática, rompendo com a ideia homogeneizante de “nação”, assumida pelas elites pelo desejo de embranquecimento da população e todas as características qualificadoras que carregam consigo essa forma mais próxima à “superioridade europeia”, posta, inclusive, no campo das ciências por naturalistas do século XVIII. (LESSER, 2001).

O embate pela etnicidade faz Lesser (2001) afirmar que a assimilação – enquanto absorção da cultura estrangeira pela cultura nativa – foi um fenômeno raro, ao passo que a aculturação – cultura modificada em contato com outra – foi mais comum, fenômeno que pode ser responsabilizado pela relação entre etnicidade e identidade nacional, que assustou a elite nacional a ponto de desejarem a proibição de imigrantes não-brancos no país. (p.22).

A busca pela “pureza racial” no Brasil vinha pela ideia de harmonia e homogeneização cultural e mistura conceitual de categorias como “nação” e “eticidade”, como demonstrada na citação anterior. (LESSER, 2001, p.29). Em contrapartida, ao se falar em identidade cultural, há uma ideia que Stuart Hall (2012) chama de “desestabilizadora da cultura”, que passa pela ideia de hibridismo. Bhabha afirma que hibridismo “não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores (...)” (BHABHA *apud* HALL, 2012, p.83).

Hall fala da condição diaspórica e afirma que nestas condições “as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas”. (HALL, 2012, p.84). E sobre a diversidade, apresenta-se como desafio o reconhecimento do particular e do universal, os quais coloca Hall (2012, p.97): “Deve-se tentar construir uma diversidade de novas esferas públicas nas quais todos os particulares serão transformados a serem obrigados a negociar dentro de um horizonte mais amplo”. Da



mesma forma complementa ElHajji (2011), ao explicar que “a identidade individual não é uma e homogênea, mas sim composta e compósita, polifônica e multifacetada.” (p.3).

Neste panorama de negociação da identidade nacional, a imprensa desempenha um importante papel na construção de opiniões. A grande imprensa, em diferentes tempos, mantém um discurso homogêneo sobre a temática:

‘(...) O sentimentalismo nosso tolera essas e outras coisas. No entanto, não devia ser assim. Há necessidade de uma permanente e rigorosa prophylaxia social.’ [Editorial "Fechem-se as fronteiras", do jornal Folha da Manhã, 25 de fevereiro de 1926].

‘(...) Se era para tratar esses seres humanos como animais, seria melhor tê-los impedido de entrar no Brasil – como, aliás, faz todo país cujo governo é prudente o bastante para medir as consequências de um fluxo migratório. (...) Sem esse visto, eles [haitianos] teriam de ser repatriados. Mas o governo federal petista, com o propósito de mostrar seu lado "humanitário", criou um instrumento para regularizar a situação, estimulando a entrada em massa de novos imigrantes ilegais’. [Editorial do jornal Estadão, 26 de agosto de 2014]<sup>4</sup>

Não pode ser considerado que a imprensa e as demais instituições da sociedade produzam a mesma carga discursiva, no sentido de tender politicamente para o mesmo lado da relação dos imigrantes no novo espaço de vida do mesmo. No entanto, é necessário compreendermos que as instituições formadoras de opinião manifestam, através destes discursos, conteúdos favoráveis ou não a determinado movimento de pessoas, que carregam consigo formas culturais, sociais e econômicas, a partir de interesses próprios.

#### 4. AS IMIGRAÇÕES SOB A PERSPECTIVA DOS “SISTEMAS MIGRATÓRIOS” E O PAPEL DA IMPRENSA

Com base nessas acepções e aproximando-se de uma ideia de “redes macro-regionais”, os “sistemas migratórios” concebem os “fluxos migratórios [sendo] resultantes de contextos históricos particulares e adquirem uma dinâmica interna que lhes confere as características de um sistema”. (PEIXOTO, 2004, p.27). Peixoto explica que esse formato diz respeito a um processo de interdependência, que na prática é concretizado pela relação entre países que alimentam fluxos importantes entre si, como é o caso do Brasil e os países da

<sup>4</sup> Textos extraídos de

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1024663887547037&set=a.108637202483048.15896.100000103069312&type=1&fref=nf>



América Latina, EUA e México, etc. Essas seriam as “redes macro-regionais”, as quais unem uma região central a países emissores de migrantes, levando em conta, contudo, dinâmicas particulares devido a formas ímpares de contextos históricos. (PEIXOTO, 2004).

Para elucidar a forma global, Hall (2012) comenta que a fase transnacional do capitalismo, pós-1970, “tem seu ‘centro’ cultural em todo lugar e em lugar nenhum” (p.40), com as formas, cada vez mais globais de mercado e fluxos do capital. Do mesmo modo que o capital invade as zonas periféricas, também as minorias chegam ao centro, rompendo barreiras espaciais e adentrando na cultura dominante.

Desta forma, a contestação sobre os valores estabelecidos de identidade nacional através da cultura ocidental é ponto crucial das complexas dinâmicas que os fluxos migratórios vêm trazendo atualmente e coloca “em questionamento alguns dos principais modelos de gestão cidadã da diferença, como o assimilacionista (...) que têm inspirado as próprias políticas de imigração (...)”, como afirma Cogo (2001). E ainda ela diz:

A presença de imigrantes nos países ocidentais tem conduzido a uma pluralização cultural crescente no interior dos estados-nação, ao mesmo tempo em que vai provocando reconfigurações dos vínculos entre nações e territórios, via a (re)atualização cada vez mais rápida e fluida de imagens e representações culturais sobre os *Outros*. (COGO, 2001, p.12).

Mesmo com a pluralização cultural, a fala mostra que as diferenças polarizadoras ainda existem, perpetuando-se os estereótipos sobre o “outro”, como se pode perceber nos casos de xenofobia na França, institucionalizados por partidos políticos, e as agressões físicas e verbais que muitos haitianos e africanos têm recebido no Brasil, especialmente com a exposição frenética das suspeitas do ebola no país.

Tais considerações recebem contributo da mídia, que, assim como foi mostrado anteriormente pelas três citações em diferentes tempos, mas sob perspectivas próximas no que tange a uma visão crítica das imigrações, têm também com o pesquisador Teun Van Dijk enunciações sobre o silêncio sistemático ou a subvalorização das experiências da vida cotidiana em favor de imagens negativas e de uma perspectiva “criminalizadora” das imigrações, nos estudos do pesquisador holandês, conforme afirmado por Cogo (2001).

É sobre esta relação imigrante/mídia que o artigo buscará fazer uma análise, observando que o próprio tema “migra” pela geografia dos jornais. Soma-se a isto, na análise midiática, a concepção do hibridismo de sentidos que um texto representa devido à carga reflexiva que traz seu interlocutor e suas formas enunciativas, as “vozes” que compõem o discurso e os enquadramentos noticiosos.



## 5. BRASIL DE FATO: UM JORNAL POPULAR

Antes de partirmos para a análise, é preciso caracterizar a publicação dentro do contexto brasileiro e apontar sua linha editorial, já que essas características afetam a maneira como seus conteúdos são traduzidos. Dentro da história da imprensa, sempre houve disputa entre os veículos de comunicação, pois cada um possui uma linha editorial. Em uma realidade capitalista globalizada, essas tensões crescem, pois o meio de comunicação não representa apenas posturas políticas e comportamentais, mas também e, principalmente, econômicas.

O jornal Brasil de Fato se apresenta, em sua página oficial da internet ([www.brasildefato.com.br](http://www.brasildefato.com.br)), como uma publicação de circulação nacional, semanária, política, com o objetivo de contribuir para o debate de ideias sobre a necessidade de mudanças sociais no país. Ele cumpre esse papel com um caráter ideológico bem definido e se autointitula um jornal alternativo, popular e de esquerda. Essa posição se observa inclusive na existência de um conselho editorial e de um conselho político, o que já explicita ao leitor uma linha de pensamento clara, saindo do espectro dissimulador do “jornalismo imparcial” assumido pela grande mídia. O conselho político existe justamente para balizar as mensagens repassadas através dos conteúdos jornalísticos.

A publicação foi inaugurada oficialmente em 25 de janeiro de 2003, durante o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, em um período de euforia para os setores ligados à luta popular, em especial as pastorais sociais da Igreja Católica e movimentos como MST e Via Campesina, em virtude da eleição de Lula para a presidência da República. Além disso, o Brasil de Fato está dentro do escopo do que Cicilia Peruzzo classifica como comunicação popular e alternativa, ou seja, uma “expressão das lutas por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do povo” (2006, p.4). Os veículos ligados à comunicação popular e alternativa trabalham com conteúdos críticos, reivindicativos, tendo o “povo” enquanto protagonista, afirmando seu compromisso com uma sociedade justa, justamente o objetivo descrito por Brasil de Fato em sua página oficial.

Se Brasil de Fato traz um discurso de oposição à grande mídia é porque se vê como um representante da comunicação popular, esforçando-se para colocar as classes subalternas e suas aspirações no centro de suas reflexões. O termo “popular” traz um contexto de luta política, contra-hegemônica. Rozinaldo Miani (2010) classifica Brasil de Fato como uma publicação popular e comunitária ao notar esse elemento.





Enfim, é justamente pelo caráter de produção contra-hegemônica, vinculada ideologicamente à luta anticapitalista em todas as suas formas e possibilidades, configurando, no plano da produção comunicativa, uma alternativa política ao monopólio midiático, combinado com a disposição de proporcionar as condições objetivas e subjetivas para o estabelecimento de um processo de desalienação do sujeito, que conferem a estas experiências a condição de uma imprensa popular e comunitária. (MIANI, 2010, p.202).

Caracterizado o jornal Brasil de Fato é possível passarmos então à análise de suas matérias, tendo em vista o material publicado sobre os imigrantes em suas edições.

## 6. ANÁLISE DAS NOTÍCIAS

Após a revisão bibliográfica sobre o tema da imigração e a caracterização do jornal Brasil de Fato, parte-se então para a análise das matérias veiculadas na publicação. O corpus deste trabalho é composto das edições 592 a 621, publicadas entre os dias 3 de julho e 28 de janeiro. Das 30 edições analisadas, em 17 delas apareceu o tema da imigração (56%). Para metodologia se optou pela Análise de Conteúdo que, segundo Roque Moraes (1999), em sua vertente qualitativa “parte de uma série de pressupostos, os quais, no exame de um texto, servem de suporte para captar seu sentido simbólico. Este sentido nem sempre é manifesto e o seu significado não é único”<sup>5</sup>.

Entre as diversas propostas da Análise do Conteúdo (AC), a escolhida para este artigo foi a temática, com a codificação das matérias através de indicadores que apontem temas semelhantes. Roque ainda lembra que a AC não deixa de ser uma interpretação pessoal dos dados levantados, pois a tradução dos indicadores de uma mensagem levanta múltiplos significados, intimamente relacionados com o contexto em que a comunicação se verifica. Com base nas 17 matérias encontradas sobre a imigração no Brasil de Fato, três indicadores temáticos foram elencados: trabalho, deslocamento e cultura.

### a) Categorização: “trabalho”

Das 30 matérias encontradas no Brasil de Fato no período observado, oito (27%) delas tratam sobre o trabalho dos imigrantes. Como foi levantado no início deste artigo, a imigração pode ter várias causas, uma delas é a busca por melhores condições de vida, o que acaba tendo consequências no mundo do trabalho. Nas condições atuais da imigração, com

<sup>5</sup> Extraído de: [http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html#\\_ftn1](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html#_ftn1)



grande entrada de haitianos após o terremoto de 2010, eles são um dos principais retratados nas matérias, ao lado dos povos latino-americanos, como bolivianos. Com a necessidade de ganharem dinheiro para viver em um novo país, onde chegam muitas vezes sem documentos, os imigrantes ficam em um ponto de vulnerabilidade para o trabalho escravo.

Seis das matérias levantadas são da editoria Brasil, já o único texto que entra na categoria Opinião – presente no jornal de nº 599, agosto de 2014 – foi escrito por Vito Gianotti, um dos conselheiros políticos do jornal. Tendo como contexto os constantes flagrantes de trabalho escravo, Gianotti destaca que os casos mostram que o trabalho escravo não foi encerrado com a abolição da escravatura no século XIX no Brasil, mas continua nos dias de hoje, motivado por um sistema capitalista que não se preocupa com as condições do trabalhador, mas apenas em manter a alta produtividade e seus consequentes lucros.

Na mesma edição, o trabalho escravo ocupa a manchete principal, com o título “Escravos da moda. Quem se importa com a procedência?” A reportagem traz um histórico sobre as grandes marcas, como Nike e Zara, que usaram o trabalho escravo. O texto problematiza que os problemas são graves, mas não afetam as marcas, pois as vendas continuam normalmente, já que os clientes, em sua maioria, não se atentam à procedência do produto. Como serviço, o jornal Brasil de Fato explica o que é trabalho escravo – recurso estilístico usado recorrentemente na publicação, na tentativa sempre de pormenorizar ao leitor e lhe dar informações para avaliar o tema.

Na próxima edição do jornal, de número 600, o trabalho escravo volta às páginas do jornal, desta vez com a submanchete “Fiscalização resgata haitianos escravizados em São Paulo.” O Ministério Público do Trabalho conseguiu flagrar imigrantes mantidos sem salários, alimentação escassa e hospedagem precária em uma fábrica de costura em São Paulo. Entre as fontes ouvidas está um dos imigrantes, que descreve como foi aliciado, sonhando com melhores condições de vida. Outro entrevistado é o padre Paolo Parise da Paróquia Missão Paz, que presta um serviço de acolhida, ajuda para o mercado de trabalho e documentação aos imigrantes que chegam ao Brasil. O padre aparece recorrentemente no jornal, inclusive pela estreita relação da publicação com as pastorais sociais da Igreja Católica, algumas das fundadoras do Brasil de Fato.

É interessante notar que o jornal também entrevista a responsável pela empresa flagrada e coloca o nome da mulher, o que em um jornal da grande mídia poderia levantar temor, pois entraria em atrito com forças econômicas, possíveis anunciantes. Através dessas



escolhas usadas para contar a história do flagrante, o jornal mostra sua personalidade como um veículo da comunicação popular, que tem um papel contra-hegemônico de denúncia de um sistema explorador. A denúncia também aparece na edição 608, do mês de outubro, com a matéria “PM fala em deportação de bolivianos libertados de trabalho escravo”. O Conselho Nacional de Imigração baixou uma norma impedindo a deportação de trabalhadores imigrantes em situação vulnerável, mesmo que sejam ilegais no país.

Porém, após descobrir bolivianos em trabalho escravo, a PM de São Paulo ameaçou com deportação, portanto, a reportagem mostra o despreparo das forças policiais no atendimento aos imigrantes, com falas do Ministério do Trabalho que corroboram com a necessidade de melhor capacitação. A reportagem mostra uma postura ideológica do jornal, que é o apoio aos imigrantes e a defesa de sua chegada de sua permanência no Brasil, com condições de vida dignas.

Na edição 610, o jornal apresenta a matéria “Mundo possui 35 milhões de escravos modernos”, com uma pesquisa realizada pela fundação Walk Free que aponta um aumento de 20% em relação a 2013. Números voltam a ser divulgados no jornal na edição 612, mas desta vez com uma nota breve “Cresce 50% número de estrangeiros a trabalho no Brasil.” Já na edição 614, o Brasil de Fato fala de um novo flagrante, desta vez em uma conhecida loja de departamentos: “Trabalho escravo na confecção de roupas da Renner.” A matéria se pauta nas fontes oficiais para denunciar as condições degradantes a que eram submetidos 37 bolivianos. Talvez uma crítica que possa ser feita à produção do jornal é a falta de falas dos próprios imigrantes sobre os problemas, porém, não sabemos se isso se dá por uma escolha editorial ou por uma dificuldade em falar com os envolvidos, devido ao sigilo imposto as suas identidades, até mesmo para proteção.

A última notícia encontrada durante o período observado pelo artigo é na edição 619, desta vez com um material aprofundado sobre o tema da manchete principal “Sistema de emprego não funciona e refugiados ficam sujeitos a aliciadores”. Desta vez há diversos relatos dos imigrantes, especialmente haitianos, pois a reportagem foi até o Acre, ponto de chegada dos estrangeiros e onde as políticas públicas falham no atendimento aos refugiados. Entre os temas abordados estão as notícias “Medo de ebola agrava preconceito contra imigrantes negros”, “Em SP tentativas de aliciamento acontecem até na porta de centro de acolhida”, “Ministério da Justiça defende que Estatuto do Estrangeiro seja alterado”, “Integração, deportação e tráfico de pessoas” e “Tem gente que acha que o Haiti é na África”.



Portanto, a matéria conta desde a chegada dos haitianos ao país, muitas vezes pelo Acre, à trajetória do que vêm a São Paulo, seus sonhos e aspirações, incluindo a parte jurídica, com a escuta dos órgãos envolvidos no atendimento a esse público. Vale neste ponto retomarmos a condição diaspórica de Hall, ao analisar a dificuldade que esses haitianos têm de se integrar à comunidade brasileira, desde sua participação nas comunidades à vida no mercado de trabalho. Aqui vemos essas posições de identificação hifenizadas e multifacetadas. Ou seja, o Brasil de Fato existe para disputar a opinião pública. No caso dos imigrantes, disputar que eles possuem direito a uma vaga no mercado de trabalho no Brasil, com bons salários e condições dignas.

#### **b) Categorização: “deslocamentos”**

A segunda categorização realizada referencia as notícias vinculadas ao termo “deslocamento”, ou seja, aos movimentos provenientes dos fluxos migratórios. Das 7 notícias relacionadas à categoria “deslocamento”, 3 situam-se na seção “América Latina”, duas (2) na seção “Internacional”, uma (1) matéria na seção “Brasil” e outra na coluna de “Opinião”.

Das notícias da América Latina, uma teve destaque através da submanchete, sendo que ocupou duas (2) páginas do encarte, enquanto as outras duas ocuparam uma (1) página e meia página, respectivamente. A matéria de mais destaque na seção “América Latina”, com o título “As crianças não fogem, elas são levadas” (sobre a passagem clandestina de crianças da América Central para os EUA) foi também publicada por outro veículo comunicacional, a Agência Pública, e foi produzida por jornalistas do El Faro, de El Salvador. As falas colocadas entre aspas são, na maioria das vezes, do último embaixador salvadorenho nos EUA e de um dos coiotes, de nome não divulgado. Além deles, há fala de uma mulher salvadorenha clandestina nos EUA. Outras falas de menor destaque são do diretor das comunidades latinas nos EUA, de outro coiote e informações extraídas do governo de Barack Obama. Com estilo de jornalismo investigativo, a matéria explora bem os atores do processo através dessas falas variadas e permite ao leitor ter uma noção pluridimensional sobre o caso.

Apesar do tom crítico à violência dos países da América Central na matéria, as entrevistas com latinos rechaçam essa causa para o deslocamento das crianças aos EUA. A matéria não deixa claro quais seriam os motivos reais. Por exemplo, citações como a abaixo são feitas para justificar a tentativa de famílias trazerem crianças aos EUA:



A situação econômica de alguns, somada ao medo de que suas filhas de 14 anos sejam violentadas pelas gangues ou recrutadas, faz com que eles busquem trazer os filhos.” e “Sim, uma parte deles não digo que não, mas também se faz disso um cavalo de batalha. Alguns, uma porcentagem considerável, acredito que tiveram problemas sim, que viram sua vida em risco. Mas são os pais que decidem quando buscá-los. (Jornal Brasil de Fato, nº 596)

Sendo assim, a matéria explora os fatos e possíveis consequências, mas pouco avança nas causas (além do fator violência). No entanto, o simples fato de ocupar duas páginas do jornal reflete a preocupação que o veículo tem em explicitar esta problemática, especialmente no que se refere a uma pressão ao Estado norte-americano.

As outras duas matérias são uma entrevista e um box de meia página, sendo que esta trata do mesmo contexto da matéria citada anteriormente – “migração entre América Central e EUA [que] põe em risco vida de imigrantes” (título da matéria no box) – explorando, contudo, as causas que faltaram na reportagem investigativa anterior. Assim como a outra, esta matéria também não foi produzida pelo Brasil de Fato, mas pela Agência Adital de Notícias.

Essa foi a única matéria encontrada que retrata um problema de migração (e não imigração). Embora durante a construção do artigo, os termos tenham sido simplificados, compreende-se a diferença deles e se ressalta o caráter exclusivo que esta matéria apresenta. É importante perceber as mesmas problemáticas apresentadas pelos migrantes de regiões interioranas da Colômbia e imigrantes latinos nos EUA, por exemplo, na luta por direitos básicos e fuga das instabilidades democráticas nos territórios de origem.

A seção Internacional apresentou três matérias na pesquisa, sendo que duas compõem a categoria de “deslocamentos”. Ambas as matérias não ocupam destaque nas respectivas capas e tratam do mesmo assunto: o problema das crianças cruzando a fronteira dos EUA, sob os títulos: “O drama das crianças que cruzam os Estados Unidos” (nº 592) e “Em meio à crise por crianças imigrantes, EUA anunciam fechamento de albergues” (nº 597).

A primeira notícia, de maior volume, traz um embate de discursos entre os governos da América Central e dos EUA, sem uma conclusão sobre as responsabilidades de cada um na chegada maciça de crianças às fronteiras dos norte-americanos e lotação nos albergues.

Aproximadamente um mês depois dessa notícia, a segunda matéria é veiculada informando o fechamento de três albergues na região do Texas (agosto de 2014). Acentuam-se falas totalmente diferentes entre a porta-voz do governo dos EUA e ativista hondurenho, cuja explicação do fechamento dos albergues, por um lado, argumenta que não há crianças



suficientemente que exijam a permanência dos albergues (porta-voz dos EUA) e, do outro lado, que no Texas “*os albergues estão mais do que cheios*” (Jornal Brasil de Fato, nº 597).

Assim, percebe-se que as questões relacionadas aos deslocamentos na seção Internacional estavam, na maioria dos casos do semestre passado, relacionadas aos problemas das crianças latinas cruzando as fronteiras dos EUA, mostrando a dificuldade de acordo entre os países e muitas vezes dos governos e de organizações de apoio aos imigrantes latinos, o que comumente gerou os principais embates das matérias. Juntando-se à seção da América Latina, também de caráter Internacional, percebe-se a insistência do jornal em incluir os EUA como responsável e, mesmo atribuindo voz aos representantes dos governos, o jornal abre um espaço pouco percebido na grande imprensa às organizações sociais de apoio. No entanto, é notória ainda a ausência dos próprios imigrantes e suas percepções pessoais sobre os acontecimentos.

Na seção Brasil, encontramos apenas uma matéria relacionada à questão do deslocamento, intitulada como “Maternidade Condenada”, que, no entanto, é matéria de capa da edição 598 do jornal. Com duas páginas, a matéria tem como foco principal a violação de direitos humanos de mães (ou grávidas) em situação de encarceramento, sendo que ¼ da matéria fala sobre a questão das estrangeiras, marcada com um subtítulo. Durante toda a matéria ressalta-se a preocupação em entrevistar as próprias mulheres presas, inclusive uma estrangeira. Especialmente nesse tópico, principal a este artigo, o presidente de um instituto de apoio também fala. A imagem da matéria é de mães com seus filhos, contribuindo na identidade materna da mulher ao invés da identidade de encarceramento. Mesmo não omitindo os crimes que levaram as mulheres à prisão, a matéria busca reforçar o papel de mãe que cada um teria por direito.

Na seção Opinião, que está aberta a colaboradores externos, foi encontrada uma única referência aos migrantes (tratado na matéria de modo igual a imigrantes) por um monge beneditino, colaborador constante do jornal. Sua abordagem é de defesa dos direitos dos migrantes a partir da Semana do Migrante, promovida pela Igreja Católica, com o título: “Migrar é Direito, Tráfico Humano é Crime” (também título da matéria de opinião). As referências usadas são próprias de um religioso, incluindo referências ao Papa Francisco e à Bíblia, em situações favoráveis à temática em questão. Ao mesmo tempo em que é um texto de clamor ao respeito alheio, a opinião emite muitos dados concretos, especialmente do grande número de haitianos vindos ao Brasil. É interessante perceber que o jornal abre espaço



a religiosos e discursos bíblicos quando estão em sintonia com a linha editorial, mais próxima, claramente, da Teologia da Libertação – linha progressista e de caráter marxista da Igreja Católica, especialmente na América Latina.

### c) **Categorização: “cultura”**

Na categoria cultura foram analisadas duas matérias: “Haiti num espelho partido” (nº 621) e “Em escolas francesas, jovens de origens muçulmanas rejeitam homenagem” (nº 620), sendo que a primeira foi encontrada na seção Cultura e a segunda na seção Internacional. Embora ambas não tenham tido destaque nas capas, a segunda matéria tinha como tema principal a repercussão do caso Charlie Hebdo e ocupou várias páginas. A parte de destaque e, por isso, categorizada na linha da cultura, diz respeito ao embate de imigrantes muçulmanos na França e sua defesa do islamismo. “*Eu não sou Charlie. Sou Maomé*”, inicia o lead da matéria. Durante todo o momento de exposição do episódio, o jornal se mostrou contra a “corrente” “Je suis Charlie” a matéria, entrevistando jovens muçulmanos, demonstrou isso.

Versando mais diretamente pela via cultural e, por isso, na seção cultura, a matéria “Haiti num espelho partido” conta a saga de Raoul Peck, cineasta haitiano que, segundo a matéria, utiliza a sensibilidade para captar traços da sociedade que o capitalismo oculta. Termina a matéria com: “*Raoul Peck é um cineasta que tem lado: o das vítimas. Longa vida à oposição que, malgrado de erros e aflições, aposta em um novo rascunho de utopia*”.

Em ambas as matérias o jornal traz um lado oposto ao que vimos e vemos normalmente na grande mídia sobre cinema e sobre o caso específico dos assassinatos no jornal francês Charlie Hebdo. Trazendo vozes que representam a contra-hegemonia, como adolescentes muçulmanos e um cineasta haitiano o jornal obrigada o leitor a olhar uma outra dimensão da cultura, repensando identidades marcadas na sociedade: o muçulmano, tido como violento e perigoso e o haitiano, como o pobre.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foi possível observar como o tema da imigração foi tratado pelo jornal Brasil de Fato entre os meses de julho de 2014 e janeiro de 2015, observando o destaque dado às categorias de análise: trabalho, deslocamento e cultura. Após observar o conteúdo dos textos, é neste ponto que pode ser feita uma inferência sobre a força da representação da imprensa na construção de identidades culturais.



Notícias sobre a precariedade do trabalho e das problemáticas dos deslocamentos são importantes para a denúncia de direitos humanos e a busca, conseqüentemente, deles. No entanto, são nas vias culturais que as identidades estereotipadas podem ser transcendidas e se cria uma forma aculturada de olhar o outro ultrapassando a assimilação.

O baixo invade o alto, ofuscando a imposição da ordem hierárquica; criando, não simplesmente o triunfo de uma estética sobre a outra, mas aquelas formas impuras e híbridas do “grotesco”; revelando a interdependência do baixo com o alto e vice-versa(...). (HALL, 2012, p.249).

Por assumir um caráter de mídia alternativa e popular, o jornal Brasil de Fato pode sair do discurso estereotipado, geralmente observado na grande mídia, e disputar a opinião pública, dando novos contextos e informações ao leitor no que tange à imigração. Apesar das reportagens já mostrarem uma preocupação em garantirem os direitos desse público ainda é preciso evoluir em como ele é retratado, inclusive dando mais voz a esses imigrantes, ao contrário da grande imprensa. É através do conhecimento dessas pessoas que é possível perceber e influenciar no processo de aculturação, contribuindo para a aceitação dos imigrantes em suas novas comunidades. Neste processo de aculturação ambas se transformam em um processo natural de adaptação da vida.

Por meio deste artigo foi possível perceber que o grande fluxo migratório que vemos hoje retratado se dá por razões econômicas, cujas pessoas deixam seus países à procura de uma nova e melhor vida, de fuga da violência e da miséria. Ao chegarem ao novo país, as vulnerabilidades desses imigrantes continuam, como alvos de trabalho escravo, ameaças de deportação e dificuldade de inclusão na comunidade. Através de denúncias, o Brasil de Fato mostra uma intenção genuína em defender esse público, mostrando as fragilidades das políticas públicas dos países, como, por exemplo, a dificuldade das forças policiais brasileiras de lidarem com os estrangeiros flagrados no trabalho escravo ou dos albergues fechados nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que esta abordagem é valiosa, os jornais, sejam eles populares ou da grande mídia empresarial, devem ainda no sentido de buscar uma abordagem de valorização cultural destes indivíduos. Das 17 matérias, apenas uma esteve presente na seção cultura (duas na categorização “cultura”), o que ainda marca uma insistência – ainda que necessária – da busca por direitos dos imigrantes quando as matérias poderiam trazer direitos já exercidos e concretizados pela comunidade imigrante com suas festas, ritos e sorrisos.





## REFERÊNCIAS

COGO, Denise. Mídia, migração e interculturalidade: mapeando as estratégias de mediação dos processos migratórios e das falas imigrantes do contexto brasileiro. **Revista Comunicação e Informação**, vol 4, nº1/2, p.11-32, jan/dez 2001.

ELHAJJI, Mohammed. **Migrações, TICs e comunidades tradicionais**: o devir diaspórico na era global. Anais XXXIV Intercom: Recife, 2011.

GREEN, Nancy. Tempo e estudo da assimilação. **Revista Antropolítica**. nº 25. Niterói: EdUFF, 2008.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidade e mediações culturais. 12ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

KLEIN, Herbert. **Migração Internacional na História das Américas**. In FAUSTO, Boris. Fazer a América. 2ª Ed. São Paulo: Editoria USP, 2000.

LESSER, Jeff. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MIANI, Rozinaldo. Imprensa das classes subalternas: atualização e atualidade de um conceito. *Em Questão*, Porto Alegre, v.16, n.1, p.193-208, 2010.

MORAES, Dênis. Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina. In: MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascoal. *Mídia, poder e contrapoder*. São Paulo: Boitempo, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 1999.

NOIRIEL, Gérard. A imigração: o nascimento de um “problema” (1881-1883). **Revista Antropolítica**. nº 25. Niterói: EdUFF, 2008.

PEIXOTO, João. As teorias explicativas das migrações: Teorias micro e macro-sociológicas. SOCIUS Working Papers. nº 11. Lisboa: Socius, 2004.

PERUZZO, Cicilia M.K. Revisitando os conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006. *Anais*.

### Sites:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/06/140619\\_refugiados\\_entrevista\\_hb](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/06/140619_refugiados_entrevista_hb) (Acessado em 27/02/15 às 11h15).

<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-09-17/em-quatro-anos-dobram-pedidos-de-entrada-de-imigrantes-no-brasil.html> (Acessado em 27/02/15 às 11h30).





**6º SEMINÁRIO NACIONAL  
DE SOCIOLOGIA & POLÍTICA**  
*Releituras Contemporâneas: o Brasil  
na Perspectiva das Ciências Sociais.*  
20 A 22 DE MAIO – 2015 **UFPR**